

# A Imprensa e a Missão de Orientar

Missão primordial da imprensa é informar e orientar. Orientar não foi nunca o forte da nossa imprensa. Da própria missão de informar, outrora exercida com impecável correção por órgãos como o «Correio do Povo», parece que se vai ela desvinculando, pelo menos em matéria política. Quem quiser saber como decorreu determinada manifestação política, se a ela concorreu muita ou pouca gente, se nela reinou muito ou pouco entusiasmo, não tem como julgá-lo, se quiser guiar-se pela imprensa, chamada neutra ou independente. Já não há um noticiário político, mais ou menos fielmente refletido, de acordo com a tendência do jornal, mas vários noticiários publicados em seções pagas e manipuladas ao sabor de quem paga. E, assim, o mesmo jornal oferece notícias para todos os gostos, mas verdadeiramente não informa, e ainda menos, orienta. O que faz é aumentar a tremenda confusão, em que tem vivido a «democracia restaurada» do sr. Eurico Gaspar Dutra.

Vem este preâmbulo a propósito de uma crônica política ontem publicada pelo «Diário de Notícias». Porque, para agravar esta ação dispersiva, para não dizer desorientadora da imprensa, estabeleceu-se, em certos órgãos, a praxe das crônicas e reportagens assinadas, cujos autores gozam de uma independência mais aparente, do que real nos seus conceitos. É o jornal quem opina? Não, porque a crônica é assinada. É o jornalista quem o faz sob sua responsabilidade pessoal? Será, mas à sombra do jornal. E, afinal, fica o leitor sem saber a que autoridade ater-se.

O objetivo do cronista, a que nos referimos, é

encarecer, prestigiar, preconizar a candidatura do sr. Cilon Rosa, o que é um direito seu e não desagrada ao jornal. Para ele, o candidato do PSD é o candidato natural e necessário da colônia. Os laboriosos colonos morrem de amores por ele. Tão irresistível é esta simpatia, que ele terá não somente a votação do seu partido (o que bem se compreende) mas também obterá votos de eleitores dos demais partidos. Até getulistas enragés nele votarão. Quanto a UDN, que deixou aberta a questão, 95% dos seus eleitores, na zona colonial votarão com o candidato do oficialismo. E o Partido Libertador? Bem, quanto ao Partido Libertador, não é tão afirmativo o cronista. Prevê, apenas, que «os Libertadores, conhecidos pelo acatamento que dispensam à orientação partidária, venham a votar no sr. Cilon Rosa, nas colônias de origem italiana e alemã». Que estranha influência será a que exerce o sr. Cilon Rosa sobre os habitantes da chamada zona colonial, que aos Libertadores lhes faça preferir um candidato estranho ao Partido, a um candidato libertador e, por tantos laços a eles ligado, como é o sr. Edgar Schneider? Prudentemente não o diz o cronista. Que os peessedelistas preferam o sr. Cilon Rosa, nada mais natural. Que os petebistas deixem de votar no sr. Ernesto Dorneles, para votar no sr. Cilon Rosa, já seria pouco razoável, embora se trate de dois candidatos estranhos ao partido. Mas que os libertadores, e libertadores da zona colonial, deixem de votar num candidato libertador, e candidato de tal porte, para votar no sr. Cilon Rosa, é o que ninguém, nem o sr. Décio Freitas seria capaz de explicar.